

CRÍTICA TEXTUAL DO ANTIGO TESTAMENTO

UMA INTRODUÇÃO PRÁTICA

ELLIS R. BROTZMAN
e ERIC J. TULLY



VIDA NOVA

Este é, sem dúvida, o melhor livro didático para iniciar o estudante na história do texto da Bíblia hebraica. É ao mesmo tempo abrangente e claro na condução do estudante à disciplina da crítica textual, que é essencial para a interpretação bíblica. Somos gratos a Brotzman e Tully por fornecerem um recurso que não foge das complexidades do texto, mas ao mesmo tempo defende a integridade desse texto no que diz respeito à inspiração e à autoridade.

Miles V. Van Pelt, Reformed Theological Seminary

Finalmente temos uma apresentação realmente de nível intermediário da crítica textual do Antigo Testamento. Brotzman e Tully alcançaram um equilíbrio revigorante entre conteúdo fundamental e ilustração prática. A análise textual de Rute é por si só suficiente para recomendar este livro aos estudantes de hebraico, e a avaliação que os autores fazem da *Bíblia hebraica quinta*, a edição crítica que está surgindo, é um recurso útil para a próxima geração. Em virtude de sua abordagem acessível e de seu interesse constante no processo exegético, *Crítica textual do Antigo Testamento: uma introdução prática* será uma ferramenta-padrão em minhas aulas de hebraico.

Andrew J. Schmutzer, Moody Bible Institute

Essa versão atualizada da obra original de Brotzman oferece uma bem-vinda introdução à crítica textual do Antigo Testamento atualizada pelos estudos mais recentes. Ao contemplar as teorias contemporâneas e analisar os recursos desenvolvidos mais recentemente, o trabalho criterioso de Brotzman e Tully dá ao estudante um fundamento firme tanto para entender a crítica textual no ambiente específico do Antigo Testamento quanto para praticá-la de modo responsável.

John Walton, professor de Antigo Testamento na Wheaton College e autor de *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento* e *O pensamento do antigo Oriente Próximo e o Antigo Testamento*, publicados por Vida Nova

Essa introdução à crítica textual do Antigo Testamento foi ampliada e atualizada inteiramente, sem sacrificar a sua acessibilidade e os recursos práticos que fizeram dela um manual popular entre os seminários. Por um lado, as teorias complicadas e ainda em desenvolvimento na história textual do Antigo Testamento são explicadas com clareza, por outro, os novos apêndices que discutem o objetivo da crítica textual permitem que os autores evitem simplificar demais as questões. O capítulo que introduz a *BHS*

foi expandido para incluir a *BHQ* e compara seus aparatos críticos. Essas atualizações tornam esse manual apto a servir à próxima geração de seminaristas.

John A. Cook, professor de Antigo Testamento e diretor de Ensino de Língua Hebraica no Asbury Theological Seminary

Fico contente em ter a obra de Brotzman atualizada. Não há nenhuma introdução melhor ao campo dos manuscritos do Antigo Testamento e seus estudos de crítica textual. Ela é ideal para o estudante com pouco ou nenhum conhecimento prévio da área.

Richard S. Hess, professor de Antigo Testamento no Denver Seminary

A introdução de Brotzman tem sido um guia útil por mais de duas décadas. Sua colaboração com Tully nessa nova edição assegura que esse livro continuará a ser útil como introdução ao complexo mundo da crítica textual do Antigo Testamento. Estou satisfeito em ver como a nova edição aperfeiçoa o alvo da crítica textual à luz de nossa compreensão atual sobre a composição e transmissão do texto na antiguidade.

Bill T. Arnold, professor de Interpretação do Antigo Testamento no Asbury Theological Seminary

Esse livro prático mostra aos leitores como dar os primeiros passos na prática da crítica textual do Antigo Testamento e sua relevância para a exegese. Os autores apresentam um levantamento abrangente e acessível da transmissão histórica do texto do Antigo Testamento, como fazer uso adequado das edições críticas padrão da Bíblia Hebraica e uma abordagem útil para a prática efetiva da crítica textual do Antigo Testamento. Ao mostrar todo o aparato crítico da *Biblia Hebraica Stuttgartensia* para o livro de Rute, eles oferecem orientação notável em como decifrar e utilizar a informação textual ali encontrada. Recomendo entusiasticamente!

Richard A. Taylor, professor de Antigo Testamento no Dallas Theological Seminary

CRÍTICA
TEXTUAL
DO ANTIGO
TESTAMENTO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Brotzman, Ellis R.

Crítica textual do Antigo Testamento : uma introdução prática / Ellis R. Brotzman, Eric J. Tully ; tradução de Marcio Loureiro Redondo. — São Paulo : Vida Nova, 2021.

304 p.

ISBN 978-65-86136-96-8

Título original: Old Testament textual criticism: a practical introduction

1. Bíblia. A.T. - Crítica textual I. Título II. Tully, Eric J.
III. Redondo, Marcio Loureiro

21-0725

CDD 221.446

Índices para catálogo sistemático

1. Bíblia. A.T. Crítica textual

CRÍTICA TEXTUAL DO ANTIGO TESTAMENTO

UMA INTRODUÇÃO PRÁTICA

ELLIS R. BROTZMAN
e ERIC J. TULLY

TRADUÇÃO
MARCIO LOUREIRO REDONDO


VIDA NOVA

©1994, 2016, de Ellis R. Brotzman e Eric J. Tully
Título do original: *Old Testament textual criticism: a practical introduction*,
segunda edição publicada por BAKER ACADEMIC,
uma divisão do BAKER PUBLISHING GROUP (Grand Rapids, Michigan, Estados Unidos).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2021

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão são traduções
feitas pelos autores a partir do original grego/hebraico.

DIREÇÃO EXECUTIVA
Kenneth Lee Davis

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Jonas Madureira

EDIÇÃO DE TEXTO
Daniel de Oliveira
Valdemar Kroker

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Virginia Neumann
Marcia B. Medeiros

REVISÃO DE PROVAS
Fernando Mauro S. Pires

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO E CAPA
OM Designers gráficos

Para
RUTH.
À semelhança da personagem bíblica
de mesmo nome,
ela também é אִשָּׁת חַיִּל
(uma mulher capaz).

— E. R. B.

Para meus pais,
DON e CONNIE,
que foram exemplos de amor pela Bíblia
e me ensinaram a levar a sério cada palavra.

— E. J. T.

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	11
<i>Abreviaturas</i>	13
<i>Lista de tabelas, diagramas e ilustrações</i>	17
Introdução	19
1. A escrita no antigo Oriente Próximo	27
2. Um rápido panorama da transmissão do texto do Antigo Testamento	43
3. Textos hebraicos do Antigo Testamento	61
4. Traduções antigas do Antigo Testamento	95
5. Edições críticas do texto do Antigo Testamento	131
6. Mudanças feitas pelos escribas no texto do Antigo Testamento	153
7. Princípios e prática da crítica textual	167
8. Comentário textual do livro de Rute	181
Conclusão	233
Apêndice A: Chave para a <i>BHS</i>	237
Apêndice B: Que texto(s) estamos tentando reconstruir?	261
<i>Glossário</i>	269
<i>Bibliografia</i>	273
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	287
<i>Índice remissivo</i>	295

AGRADECIMENTOS

Somos ambos gratos pela oportunidade de atualizar este livro, ampliando-o em uma segunda edição. Nossos agradecimentos ao nosso editor, Jim Kinney, e aos demais membros da equipe da editora Baker por sua ajuda e orientação nas conversas iniciais e durante todo o nosso trabalho em conjunto.

Somos gratos a Dennis Magary, que, com seus muitos anos de ensino de hebraico e de crítica textual do Antigo Testamento na Trinity Evangelical Divinity School, deu ótimos conselhos. Dennis é um professor perspicaz e criativo, e somos gratos por sua disposição em dialogar não apenas sobre certos conceitos de crítica textual, mas também sobre como podem ser apresentados com clareza. Além disso, expressamos nosso apreço a Jim Hoffmeier, Richard Averbeck e Lawson Younger, todos também da Trinity, por seus conselhos sobre alguns assuntos técnicos. Agradecemos também a Anthony Lipscomb, que resolveu muitos e diferentes tipos de problemas, desde fontes até bibliografia.

Finalmente, damos graças a Deus por nossas esposas. Seu apoio amoroso e seus conselhos fazem com que tudo o que fazemos fique melhor. A vocês, nosso muito obrigado.

INTRODUÇÃO

Desde que autores começaram a produzir textos, tem havido a necessidade da crítica textual. Um dos erros mais famosos ocorreu em uma edição da King James Bible publicada em 1631, quando o tipógrafo omitiu de Êxodo 20.14 (o sétimo mandamento) a palavra essencial “não”. O texto dizia: “Tu cometerás adultério”, e a edição ficou conhecida como “A Bíblia ímpia”. A Bíblia é um texto que tem muita importância na vida das pessoas. Ele é estudado, debatido e analisado. Portanto, cada palavra importa... Até mesmo (e às vezes *especialmente*) uma pequena palavra como “não”. A disciplina da crítica textual existe porque cada palavra é importante e queremos ter certeza de que estamos lendo o que os autores pretenderam escrever.

No entanto, a complexidade da crítica textual do Antigo Testamento equipara-se à sua importância. A ampla gama de edições, variantes, erros de escribas e soluções propostas pode parecer arrasadora, em especial para um principiante. Este livro visa apresentar a disciplina da crítica textual do Antigo Testamento de uma maneira prática e acessível, sem simplificar demais as questões. Essa é uma área de estudo fascinante e empolgante, com importantes implicações para a nossa interpretação do texto do Antigo Testamento.

A necessidade da crítica textual do Antigo Testamento

A crítica textual tem sido tradicionalmente chamada de baixa crítica não porque é um estudo da Bíblia menos importante do que outras disciplinas, mas porque é *fundamental* para todos os demais estudos.¹ Antes de podermos fazer a exegese de uma passagem no Antigo Testamento, precisamos de um texto para a exegese!

¹ Isso contrasta com a alta crítica, que investiga a história e a mensagem do texto em si.

Na crítica textual, examinamos o texto da passagem para decidir o que ele diz, antes de podermos determinar o que ele significa. Não faz sentido, na hora da exegese, o estudioso debater-se sobre uma palavra ou expressão difícil, caso essa palavra ou expressão seja uma corruptela. Em contrapartida, se um trecho difícil é original, nosso compromisso é entender o possível significado daquilo que o autor bíblico disse.

Podemos comparar duas ideias hipotéticas e extremas sobre a necessidade da crítica textual do Antigo Testamento. A primeira sustenta que o texto hebraico foi transmitido com tanto cuidado que a crítica textual é, para todos os efeitos, desnecessária. A segunda defende que o texto do Antigo Testamento é tão incerto que, para os críticos textuais, é impossível recuperar a redação original das Escrituras hebraicas.

Respondendo à primeira ideia, a crítica textual é necessária porque nenhuma fonte isolada contém o texto bíblico. Temos múltiplas testemunhas do texto bíblico, as quais incluem manuscritos em hebraico, grego e também várias outras línguas. Esses manuscritos variam em diferentes graus, refletindo diferenças que vão desde a ortografia até a estrutura de um livro inteiro da Bíblia. Mesmo em um único manuscrito pode haver diferentes tradições com leituras variantes competindo entre si. Douglas Stuart afirma: “Os problemas são reais. Não há um único capítulo da Bíblia para o qual todos os manuscritos antigos têm exatamente as mesmas palavras. Na verdade, muitos capítulos exibem problemas textuais em praticamente cada versículo”.²

Podemos ver evidências dessa variação em nossas próprias Bíblias. Por exemplo, em Deuteronômio 33.2 a NRSV diz: “O SENHOR veio do Sinai e apareceu sobre nós vindo de Seir”. Uma nota de rodapé indica que a palavra “nós” vem das traduções em grego, siríaco, latim e Targuns, mas que o hebraico traz “eles”. Em contraste, a NIV acompanha o hebraico, traduzindo por: “O SENHOR veio do Sinai e apareceu sobre eles vindo de Seir”. Como a NIV acompanha o hebraico (que é o texto-base), ela não precisa sinalizar a existência da leitura variante. Aqui temos duas importantes versões em inglês discordando sobre o texto da Bíblia!

Nossas principais versões do Antigo Testamento baseiam-se, em grande parte, no texto hebraico e não nas versões.³ Isso acontece porque a maior parte

²Douglas Stuart, “Inerrancy and textual criticism”, in: Roger R. Nicole; J. Ramsey Michaels, orgs., *Inerrancy and common sense* (Grand Rapids: Baker, 1980).

³Para mais informações sobre esse texto, denominado Texto Massorético, veja o cap. 3.

do Antigo Testamento foi originalmente escrita em hebraico e porque o Texto hebraico Massorético⁴ foi padronizado e cuidadosamente copiado. Contudo, esse texto nem sempre contém a melhor leitura.⁵ Por exemplo, em Juízes 14.15 o hebraico diz: “No sétimo dia disseram à esposa de Sansão”. Mas nesse versículo a NRSV e a NIV acompanham as versões grega e siríaca e traduzem por: “No *quarto* dia disseram à esposa de Sansão”. Curiosamente, a KJV acompanha o hebraico. Somos uma vez mais forçados a escolher entre duas leituras mutuamente exclusivas.

Não podemos evitar a prática da crítica textual caso queiramos ser exegetas sérios do texto bíblico. Se tentamos ignorar leituras textuais variantes e simplesmente optamos por acompanhar um único texto, então acabamos de praticar crítica textual! A escolha de um único texto significa a escolha de todas as leituras peculiares daquele texto e a rejeição de variantes de todos os demais textos, independentemente de serem ou não as melhores. A questão é se vamos praticar crítica textual com esse tipo de escolha automática [*default*] ou se a praticaremos com o máximo possível de objetividade, formação e preparo.

Enquanto uma dessas ideais hipotéticas minimiza a necessidade da crítica textual do Antigo Testamento, a outra a enfatiza a tal ponto que põe em dúvida a confiabilidade básica do texto. Por exemplo, a seguinte citação de Shemaryahu Talmon pode parecer bem desanimadora:

O estudioso que tem à sua disposição uma visão sinótica de todas as fontes é confrontado com uma quantidade desnordeadora de *variae lectiones* nas versões remanescentes dos livros do Antigo Testamento. [...] Deve-se ter em mente que as edições impressas representam o fim de uma longa série de desenvolvimentos textuais e de atividades editoriais que visavam unificar os textos sagrados. Não se pode, de modo algum, considerar que essas edições posteriores apresentem fielmente os autógrafos dos autores bíblicos. Na verdade, nem mesmo um único versículo desses textos antigos chegou até nós em um manuscrito original, escrito por um autor bíblico ou por um contemporâneo dele, ou mesmo por um escriba que viveu imediatamente após a época do autor. [...] Mesmo um exame superficial

⁴As grafias “massorético” e “masorético” ocorrem na literatura especializada. “Massorético” é a forma usada na presente obra.

⁵Leitura (ou lição) em crítica textual é qualquer detalhe (letra, palavra etc.) de um manuscrito, geralmente quando comparado com outro.

das fontes disponíveis revela, de imediato, que não há uma única tradição ou um único manuscrito que seja isento de falha.⁶

Talmon nos lembra de que não temos acesso aos autógrafos originais da Bíblia, mas apenas a cópias, e que essas cópias têm falhas. Em outras palavras, o texto original das Escrituras está distribuído em vários manuscritos e traduções, dos quais cada um pode conter a melhor leitura em determinado caso.

Isso não é motivo para desânimo. Em primeiro lugar, temos de lembrar que, na imensa maioria dos casos, as diferenças entre os manuscritos são de pouca importância. Muitas refletem diferenças de pronúncia que não alteram o sentido, como entre as palavras “três” e “treis”, ou de ortografia, como em “seção” versus “secção”. Percentualmente falando, são bem poucas as diferenças em que o significado do texto é afetado de forma substancial. O próprio Talmon rapidamente faz contraponto à afirmação citada acima, dizendo que “esses erros e divergências textuais entre as versões afetam de fato a mensagem intrínseca apenas em relativamente poucos casos”.⁷ Bruce Waltke é de opinião que na *BHS* há, em média, cerca de uma nota textual para cada dez palavras. Por sua própria natureza, a crítica textual concentra-se nas leituras variantes, mas também é necessário ter em vista os 90% ou mais do texto nos quais não há variação.⁸

Em segundo lugar, não precisamos ficar desanimados, pois a disciplina da crítica textual nos fornece as ferramentas para corrigir manuscritos e determinar o texto original. A crítica textual não é o sintoma de uma infinidade de manuscritos com leituras conflitantes... é a cura. Com abordagem disciplinada e conhecimento adequado dos antecedentes e do contexto, podemos escolher cuidadosamente as variantes e estabelecer o texto com alto grau de confiança e precisão.

Elementos da crítica textual do Antigo Testamento

Quais são as atividades envolvidas na prática concreta da crítica textual do Antigo Testamento? O que o crítico textual iniciante precisa ser capaz de fazer? Primeiro, ele precisa ter pelo menos noções básicas da história da transmissão

⁶Shemaryahu Talmon, “The Old Testament text”, in: Peter R. Ackroyd; Christopher F. Evans, orgs., *The Cambridge history of the Bible* (Cambridge: Cambridge University Press, 1970), vol. 1: *From the beginnings to Jerome*, p. 161-2.

⁷Ibidem, p. 162.

⁸Bruce K. Waltke, “Old Testament textual criticism”, in: David S. Dockery; Kenneth A. Mathews; Robert Sloan, orgs., *Holman introduction to the Bible* (Nashville: Broadman, a ser publicado).

do Antigo Testamento. Isso inclui tanto o texto hebraico quanto as versões antigas do Antigo Testamento. O conhecimento de como os escribas copiavam o texto — e de como os tradutores o traduziam — ajudará o estudante a lidar com as leituras variantes. Em segundo lugar, ele precisa ser capaz de reunir as leituras variantes específicas. Isso exige a habilidade de trabalhar com edições e aparatos críticos, e entender a terminologia da disciplina bem como as maneiras em que as variantes são apresentadas e comparadas. Em terceiro lugar, o crítico textual precisa saber comparar as evidências. Isso exige o conhecimento básico de como os vários manuscritos e traduções se relacionam entre si histórica e geneticamente. Este livro apresentará todos esses tópicos e sugerirá maneiras de estudá-los em mais profundidade.

Junto com essas questões bem práticas, o crítico textual precisa entender um pouco de teoria. Alguns manuscritos ou versões são intrinsecamente melhores do que outros? O que vem a ser a “melhor” leitura? Qual é o nosso objetivo na crítica textual? Este livro também apresentará esses conceitos, proporcionando a perspectiva geral e o acesso a um vasto e fascinante campo de estudo.

Método de trabalho

Logo após esta introdução, o capítulo 1 trata da escrita no antigo Oriente Próximo. Uma compreensão básica das antigas práticas de escrita possibilita uma melhor compreensão da transmissão do texto da Bíblia hebraica e de como é possível determinar sua redação mais satisfatória.

Os três capítulos seguintes cobrem a transmissão do texto do Antigo Testamento. O capítulo 2 resume a história de sua transmissão desde a época da redação dos livros bíblicos individuais até a nossa era. O capítulo 3 analisa os manuscritos hebraicos mais importantes de que se tem conhecimento no presente. Analisamos, em ordem cronológica, os Manuscritos do Mar Morto, o Pentateuco Samaritano e o Texto Massorético. O capítulo 4 analisa as versões antigas mais importantes e a contribuição que podem dar ao estudo do texto do Antigo Testamento. Trabalhando de novo em ordem cronológica, apresentamos a Septuaginta grega, os Targumim aramaicos, a Peshitta siríaca e a Vulgata latina. Esse capítulo conclui com uma análise dos desafios específicos envolvidos no trabalho com traduções antigas.

Considerando-se a informação sobre a transmissão do texto, como descobriremos qual é a melhor leitura de um versículo específico do Antigo Testamento?